

## **81. Tivemos bons resultados dos tratamentos feitos em casa**

Lenise Felício Batista

Olá, me chamo Lenise Felício Batista, sou do povo Palikur-Arukwayene, sou integrante do grupo PET- Indígena da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) e este é meu segundo relato sobre os impactos da pandemia na minha vida, na minha família e na minha comunidade. É difícil descrever neste relato a angústia e o medo que senti no momento que a COVID-19 chegou na minha aldeia, principalmente na minha família. O que senti ao ver as pessoas que amo sofrerem com essa doença é algo inexplicável, só digo que, naquele momento, me senti tão incompetente diante do sofrimento que minha família estava passando, minha filha então, tão pequena e frágil.

Quando a COVID-19 chegou nas aldeias indígenas eu estava na Aldeia Manga, aldeia do meu esposo, que é Karipuna. Assim que o cacique da Aldeia Manga foi comunicado que já havia um caso de COVID-19 na comunidade soubemos que já tinham casos nas outras aldeias, já havia casos confirmados na Aldeia Kumenê, minha aldeia. Quando soube que o vírus havia chegado lá, na nossa aldeia, minha preocupação, naquele momento, foi com minha mãe que é diabética e faz parte do grupo de risco. Como eu estava longe da minha família, eu não tinha como ter notícias, não sabia se eles estavam passando bem ou não e isso me deixava mais angustiada ainda. Para meu alívio meus irmãos tiveram sintomas leves e minha mãe não pegou o vírus até hoje.

Confesso que é diferente viver uma situação e presenciar o sofrimento de pessoas que a gente ama. Eu, pessoalmente, não perdi alguém próximo para esta doença, mas eu vi o sofrimento da minha filha, que chorava por causa da febre e posso dizer que é horrível o sentimento de ver ela sofrendo com essa doença, uma bebê de três meses, é muito angustiante. Eu, como mãe, sofri muito vendo minha filha chorar a noite por causa da doença, eu queria que minha filha não tivesse passado por isso, mas graças a Deus que esse sofrimento passou e minha filha está recuperada.

Apesar de ter contaminado toda aldeia não tivemos muitas perdas, tivemos bons resultados dos tratamentos feitos em casa, com nossa própria medicina tradicional, tanto

minha família quanto meu povo reagiram bem contra o coronavírus e hoje quase todos estão recuperados da doença. Na Aldeia Kumenê tivemos apenas duas perdas.

Poder conta nossa história nestes relatos tem sido uma forma de compartilhar com outras pessoas nossas angústias e como estamos enfrentando a COVID-19 em nossas aldeias. E também tem sido uma forma de compartilhar a vida do nosso povo durante essa pandemia. Os relatos se tornaram um ato de manifestação para muitos que estavam inconformados com a situação que vivemos dentro das nossas aldeias, com a falta de apoio por parte do governo. Divulgar esses relatos tem promovido visibilidade às manifestações do nosso povo, compartilhamos nossa indignação contra os órgãos responsáveis pela saúde indígena e pela situação em que o Brasil vive hoje. Esses relatos foram muito importantes para muitas pessoas, pois eles falavam que essa seria uma mensagem para o mundo, que apesar das dificuldades nós estamos conseguindo vencer essa batalha contra a COVID-19. A mensagem que passamos através dos nossos relatos é que somos povos resistentes.

Oiapoque, Amapá, Brasil

07 de agosto de 2020